

UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DAS TRANSFORMAÇÕES E DA ANTROPIZAÇÃO DAS PAISAGENS NO OESTE CATARINENSE (1960 A 1980)

BRENDHA LUANA SPRICIGO^{1,2*}, SAMIRA PERUCHI MORETTO³

1 Introdução

O processo de desmatamento do Oeste de Santa Catarina foi bastante tardio comparado com outras regiões do país. Antes do início da atuação de companhias colonizadoras, a região era ocupada principalmente por indígenas e caboclos. Estes povos utilizavam a terra para fins de subsistência e não tinham posse comprovada legalmente. O governo do Estado, preocupado com as disputas em torno dos limites territoriais, concedeu as terras devolutas às companhias colonizadoras, as quais ficaram encarregadas em dividir essas terras em lotes - que seriam vendidos aos colonos interessados a migrarem para esta área, no século XX. A região passou a receber migrantes de descendência europeia que vinham, principalmente, do Rio Grande do Sul, por intermédio das atividades das companhias colonizadoras.

A partir de uma série de conflitos, protagonizadas principalmente pela Guerra do Contestado, houve assinatura de um acordo estabelecendo os limites entre Paraná e Santa Catarina. No processo migratório para a região Oeste foi dada preferência aos colonos teutos e ítalos, que já haviam colonizado áreas no Rio Grande do Sul (NODARI, 2009, p. 34), e que foram atraídos pela existência de áreas aptas às práticas agrícolas e pelo potencial de extração vegetal que a região oferecia.

A cobertura vegetal da região era composta por duas fitofisionomias do bioma da Mata Atlântica: a Floresta Ombrófila Mista (FOM) e a Floresta Estacional Decidual (FED). Ambas sofreram uma grande redução com o aumento da antropização da paisagem (DEAN, 1996). O serviço de derrubadas das florestas era realizado pelas famílias ou pelas colonizadoras. A presença das árvores com alto potencial de exploração motivou que fossem instaladas serrarias e madeireiras na região. A partir da prática extrativista de madeira, iniciou-se o processo de

¹Graduada em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó, contato: brenhaspricigo3@gmail.com.

²Grupo de pesquisa Fronteiras: laboratório de História Ambiental da UFFS.

³Doutora Professora do Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal da Fronteira Sul e da Universidade Federal de Santa Catarina, **Orientadora**.

escoamento do produto, para a Argentina, pelo rio Uruguai, através da construção de balsas, devido à insistência de estradas na região (BELLANI, 1991, p. 201). A possibilidade de escoar o produto e a grande quantidade de área florestal possibilitaram o aumento do número de serrarias, em todo o estado. Dessa forma, a região teve a sua paisagem transformada seguindo os moldes da colonização. Assim, os anos de 1960 foram marcados pelo desmatamento e pela gênese da agroindústria. As atividades madeireiras e agropecuária foram responsáveis por acelerar as transformações ambientais na região, assim como inseriram o Oeste Catarinense num contexto global, influenciadas também pela Revolução Verde, mecanização agrícola, uso de agrotóxicos e introdução de espécies exóticas. Nesta mesma época surgiram medidas legais que foram de suma importância para subsidiar as novas investidas, como a promulgação do Código Florestal de 1965. O modo de produção cabocla foi sendo minimizado e surgia assim, a agroindústria, que se inseriu no mercado internacional no final da década de 1980.

2 Objetivos

O principal objetivo deste projeto pautou-se em realizar a investigação do processo histórico das transformações sócio-ambientais no Oeste do estado de Santa Catarina, entre os anos de 1960 até o final da década de 1980, através da análise da legislação e dos incentivos ao desenvolvimento da agroindústria, atividades que catalisaram o desmatamento e proporcionaram a descaracterização da paisagem na região. Dentre os objetivos específicos, realizou-se a análise de levantamentos para criação de áreas conservadas no Oeste de Santa Catarina; dos projetos econômicos que foram implementados e subsidiados pelos governos estaduais e federais, em prol do desenvolvimento de novas práticas agrícolas; apontou-se os impactos do surgimento da agroindústria para a economia e meio ambiente; elencou-se as medidas de proteção e conservação ambiental do período; identificou-se as ações que intensificaram o aumento no uso de agrotóxicos na agricultura daquele local e o potencial de transformação da paisagem através do aumento da produção de pinus e eucalipto, entre outras espécies exóticas na região; e por fim, mapeou-se as medidas que propiciaram a introdução das espécies exóticas na região.

3 Metodologia

O presente projeto foi desenvolvido com utilização da metodologia proposta pela História Ambiental. As alterações no meio natural são recorrentes em diferentes partes do

munho, muitos pesquisadores acreditam que tais mudanças resultam da atividade de um catalisador: os seres humanos. Historiadores ambientais vêm analisando essas ocorrências, pois tais questões são latentes e afetam não somente o meio ambiente, como também os demais seres que fazem parte dos ecossistemas nele existentes (WORSTER, 1991). Esta vertente está direcionada a estudar a relação do ser humano com o meio natural. Segundo Donald Worster, a História Ambiental tem como premissa “aprofundar nossa compreensão de como os humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e, contrariamente e talvez de modo mais importante, na visão da insustentável situação global atual, como a ação humana afetou o meio ambiente e quais foram as suas consequências” (WORSTER, 2003, p. 199).

Para atingir os objetivos propostos pela pesquisa, foram utilizados: 1) A documentação oficial (relatórios governamentais; legislação estadual e municipal). A documentação oficial forneceu dados sobre as governanças estaduais e municipais e nos apontou as principais medidas oficiais que auxiliaram no desmatamento e/ou conservação ambiental. 2) Os periódicos regionais e estaduais, essenciais para evidenciar as diferentes percepções do processo de alteração das paisagens da região, após a maciça ocupação. 3) Mapas da região, que mostram as subdivisões com a criação de novos municípios. 4) Relatórios e informativos produzidos pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. 5) Planos de manejos de áreas conservadas. Além da documentação apontada acima, a iconografia ajudou a acompanhar visualmente as transformações da região. As fontes pesquisadas foram encontradas na internet, no website do IBGE, da EPAGRI e do Planalto Nacional. Através da análise dessas fontes, foram verificadas as condições de preservação ou não dos remanescentes florestais nos entornos do município de Chapecó. Quando se estuda História Ambiental, a interdisciplinaridade é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Trabalhos de geógrafos, engenheiros ambientais e agrônomos, biólogos, botânicos, entre outras áreas do conhecimento, foram também consultados e contribuíram para um melhor entendimento da transformação da paisagem do Oeste catarinense.

4 Resultados e Discussão

Através das atividades desenvolvidas durante o período de vigência da bolsa, foi possível identificar 133 Unidades de Conservação existentes no estado de Santa Catarina, categorizadas da seguinte maneira: Parque Estadual (PES), Reserva Biológica (REBIO), Área de Proteção Ambiental (APA), Parque Nacional (PARNA), Estação Ecológica (ESEC),

Floresta Nacional (FLONA), Reserva Extrativista (RESEX), Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), Reserva Particular do Patrimônio Natural Estadual (RPPNE), Terra Ingígena (TI), Reserva Indígena (RI), Refúgio de Vida Silvestre (RVS), Monumento Natural Municipal e Parque Natural Municipal. As datas de criação das Unidades de Conservação registradas estão localizadas no espaço temporal entre 1959 e 2018, constituindo-se uma área que ultrapassa o número de 51 mil hectares, distribuídos em diversos municípios do estado.

Foi realizada também, ao longo dos meses, uma análise referente à informações sobre reflorestamento, propagandas de reflorestamento, Pinus e Eucalipto a partir de 82 edições disponíveis da Revista Silvicultura, desde o ano de 1976 até 2000. Foi possível confeccionar uma tabela, a qual gerou um número de 766 menções referentes aos assuntos destacados, compreendendo-se desde imagens, textos e resumos de pesquisas apresentados pelos anais da Revista. Até a Edição 41 foi possível perceber que a maioria das propagandas foram retiradas das digitalizações, começando a aparecer em maior quantidade apenas a partir da Edição 42, conforme consta no próprio PDF de todas as revistas. A partir da Edição 50 notou-se uma diminuição considerável de matérias e propagandas referentes ao pinus, eucalipto e reflorestamento.

5 Conclusão

A partir da pesquisa realizada, conclui-se que o intenso processo de antropização do oeste do estado de Santa Catarina foi impulsionado significativamente pelas políticas públicas de incentivo à colonização do referido território. Tais ações desencadearam um cenário de alta atividade extrativista desordenada do bioma local da Mata Atlântica, sobretudo no que diz respeito à Floresta Estacional Decidual e à Floresta Ombrófila Mista, e foi introduzido espécies exóticas. Neste sentido, o recorte temporal entre as décadas de 1960 e 1980 destacam-se, na perspectiva da História Ambiental, pela ascensão da agroindústria, a qual andou na contra-mão das práticas caboclas e indígenas em relação ao manejo do meio ambiente. É possível afirmar também que o oeste catarinense sofreu um processo de descaracterização no que tange ao meio ambiente e a utilização de recursos naturais, desdobramentos ocasionados em prol de discursos colonialistas de progresso e desenvolvimento, os quais transformaram significativamente a paisagem ambiental, social, econômica e cultural da porção oestina do estado de Santa Catarina.

Referências Bibliográficas

BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai: O processo de colonização do Velho Município de Chapecó 1917-1950.** Florianópolis: UFSC, 1991.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 2009.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.4, n.8, p.289-307, 1991.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente e sociedade**, v.5, n.2. 2003.

Palavras-chave: História Ambiental; Oeste Catarinense; Transformações ambientais.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2022-0279

Financiamento: FAPESC e UFFS.